

# *Terra do nada*



Alguma cidade se  
identifica com esta

Vitória Ferreira



Madrugada. Três horas da manhã, exatamente. O caminhão de mudança adentra o município de Terre de Rien. Juntamente, vem o carro. Gente nova no pedaço.

- Chegamos finalmente. - disse Inocência.

- Terre de Rien. - disse Rodrigo.

- Estou até imaginando os desafios. - disse Evangelista.

- Nada melhor. - disse Evangeline.

A família chegou a casinha onde morariam. Uma choupana de praia. Simples, mas confortável.

- Nós e essa nossa tara por cabana de praia. - disse Evangelista.

- Top de linha. Cabanas de praia são lugares ótimos para se viver. - disse Inocência.

A mudança foi sendo descarregada na casa. De madrugada, não tinha como deixar tudo lindo e arrumado.

- Madrugada não é hora de um cristão fazer mudança. - disse Rodrigo.

- Também acho. E vamos ter que esperar até o dia clarear para conhecer a cidade. - disse Evangeline.

Exaustos da viagem e ébrios de sono, o casal e os dois filhos dispuseram os colchões em um dos quartos e todos dormiram juntos.

Vamos agora às apresentações. Dar nome aos bois. Inocência e Rodrigo eram casados, e tinham um casal de gêmeos. A Evangeline e o Evangelista, de 15 anos de idade. Eles vieram de Cannes e estavam de mudança para Terre de Rien, que em francês significa “terra do nada”. Aquela era uma cidade interiorana mesmo, minúscula. Mas o que levaria aquela família a sair da Riviera Francesa e ir se aventurar para aqueles cafundós de Judas? Trabalho. Sim, trabalho. Inocência e Rodrigo eram enfermeiros. Eles foram transferidos para trabalhar em Terre de Rien, pois lá enfermeiros estavam em falta. Lá morava a irmã de Inocência, cujo nome era Safira. Ela era casada com Raimundo, e ambos eram funcionários públicos.

Voltando ao assunto da família, eles não pretendiam criar raízes naquele lugar, pois cidade pequena não fazia muito a praia deles. Eles estavam ali

porque o postinho de saúde necessitava de profissionais na área de enfermagem. A previsão era de que eles ficassem lá por um ano. Como se fosse um intercâmbio, só que ao invés de estudo era trabalho. E também seria uma ótima experiência, um novo desafio para todos.

Amanheceu. A família Fortunato se desperta. Após tomarem banho e trocarem de roupa, eles foram à padaria tomar o desjejum. Já deu para ir conhecendo a cidade.

- Nada mal. – disse Evangeline.

- Cidade interiorana. – disse Evangelista.

- Me parece que estamos sendo observados. – disse Inocência.

- Cidade pequena, então é natural que o povo fique olhando os novatos. Eles devem estar se perguntando quem somos nós. – disse Rodrigo.

- Somos uma legião de aventureiros. – disse Evangelista.

- Também isso, Evangelista. Estamos aqui por causa do intercâmbio dos nossos pais. A aventura vem em

anexo, mas não é a nossa principal missão. – disse Evangeline.

- E por ser aventura, não durará uma vida inteira morando aqui. Afincar raízes nessa cidade não está em nossos planos. – disse Rodrigo.

- E além do mais, Cannes é insubstituível no nosso coração. – disse Inocência.

Após o café, todos foram ao supermercado fazer compras. Eles precisavam de comida e produtos de limpeza e de higiene pessoal.

- Meu Jesus Cristinho. Eu quase caí durinha no chão com esses preços. É um assalto! Pelo amor! – disse Inocência.

- Escabroso. – disse Evangelista.

- Bom que serve de lição. Compra de mês a gente agora vai fazer quando for para a cidade grande. Aqui a

Terra do Nada

gente só vai comprar coisinhas assim separadas. – disse Rodrigo.

- Custo de vida em cidade pequena triplica. – disse Evangeline.

- Quintuplica, isso sim. – disse Inocência.

Safira foi dar as boas vindas para sua irmã, cunhado e sobrinhos. Raimundo foi junto.

- Maninha! Cunhado! Sobrinhos! - disse Safira.

- Que saudades de você! - disse Inocência - Oi Raimundo.

- Oi, *Nocência*. - disse Raimundo.

- Evangeline e Evangelista, vocês cresceram. - disse Safira.

- O tempo passa e os anos nos fazem bem. - disse Evangeline.

- E como. - disse Safira.

- Viemos ajudar vocês a organizar a bagunça. - disse Raimundo.

- Vocês são uns amores. - disse Inocência.

- Valeu pela força aí. - disse Rodrigo.

E todos começaram a organizar os móveis. A casa foi criando cor e forma, e tudo estava ficando lindo. Não demorou muito, e a arrumação já estava pronta.

- Agora sim podemos chamar isso de lar. - disse Evangelista.

- Com certeza. - disse Rodrigo.

- Safira, Raimundo. Fiquem para almoçar. Assim colocamos as novidades em dia. - disse Inocência.

Todos à volta da mesa comendo e colocando em dia as novidades.

- Vocês vão à prefeitura amanhã se apresentar? – perguntou Safira.

- Sim. E amanhã também a gente já começa o trabalho no postinho. – disse Inocência.

- Vocês vão gostar de trabalhar em Terre de Rien. O povo aqui é bastante simples. – disse Raimundo.

- Enquanto à escola para os meninos, como é o ensino aqui em Terre de Rien? – perguntou Inocência.

- Razoável. Não é tão evoluído como Cannes, mas dá pro gasto. – disse Safira

- E além do mais, quando se é inteligente qualquer escola é boa. Quem faz a escola é o aluno. Quando se tem

Terra do Nada

interesse em aprender, uma escola debaixo do pé de árvore se transforma em Harvard. – disse Rodrigo.

- Concordo plenamente. – disse Inocência -  
Amanhã antes de irmos à prefeitura vamos fazer a matrícula dos dois.

- Vamos ver o que nos espera. – disse Evangeline.

- Espero que lá tenha equipe de futebol. – disse Evangelista.

- Isso tem. – disse Safira.

O dia seguinte estava cheio de coisas para resolver. Primeiro passo, matricular Evangeline e Evangelista na escola.

Todos chegaram ao Colégio Otoniel. Um colégio igual aos outros, colégio de cidade pequena. Lá, eles se dirigiram à secretaria para fazer a matrícula. Evangeline e Evangelista começariam a estudar no dia seguinte. Matrícula feita, então todos fizeram um tour pelo colégio. Principalmente os gêmeos, que estavam movidos pela curiosidade.

- Nada mal. Pelo menos está tudo bonitinho e ajeitado. - disse Inocência.

- Vamos ver se o ensino também é bonitinho e ajeitado. - disse Evangeline.

Terra do Nada

- É impressão minha ou você está na defensiva em relação ao colégio? – perguntou Rodrigo.

- Confesso que sim. Todos os novatos ficam na defensiva. Mal posso esperar para começar a estudar, me socializar com pessoas. Mas ao mesmo tempo eu tenho lá minhas inseguranças. – disse Evangeline.

- Tudo isso é normal. – disse Inocência – Vocês vão gostar do colégio.

- Amanhã é o dia. – disse Evangelista.

Inocência e Rodrigo deixaram Evangeline e Evangelista em casa e foram à prefeitura tomar posse e de lá já seguiriam para o trabalho.

- Se comportem crianças. E qualquer problema, vocês me telefonem. – disse Inocência.

- Ficaremos bem. – disse Evangelista.

- Amamos vocês. – disse Rodrigo.

- Também amamos vocês. – disse Evangeline.

Pais e filhos se abraçaram em despedida. Inocência e Rodrigo tomaram o caminho para a prefeitura.

Enquanto isso, em casa, Evangeline e Evangelista estavam assistindo Johnny Bravo. Então eles escutaram uns miados.

Terra do Nada

- Tem um gato miando aqui perto. - disse Evangelista.

- Perto até demais. Parece até que está na porta de casa. Vou dar uma olhada. - disse Evangeline. Ela se dirigiu até a porta e teve uma surpresa.

- *Regarder!* Evangelista, tem um filhote de gato bem aqui. - disse Evangeline, surpresa.

- *Un chat.* - disse Evangelista.

- Se embora adotar.

- Será que nossos pais vão permitir?

- Com certeza. Nossos pais adoram gatos e até onde eu sei ninguém aqui tem alergia.

Era um filhotinho lindo, bem pretinho.

- Espantaria aquelas visitas indesejadas que são supersticiosas em relação a gatos pretos. - disse Evangelista.

- Sarrista você, não? - disse Evangeline, rindo - Vou dar um leitinho para ele tomar.

O gato foi devidamente alimentado. Depois disso, Evangeline e Evangelista ficaram passando a mão no gato, fazendo carinho nele, que se pôs a ronronar.

- Ele é lindo. - disse Evangeline.

- Gostei dele. Gatos são melhores do que os cachorros. São mais amigos. - disse Evangelista.

Inocência e Rodrigo chegaram em casa. Evangeline e Evangelista partiram logo para a persuasão.

- Mamãe, papai. A parada é a seguinte. Apareceu um gatinho aqui em casa. – disse Evangeline.

- E nós queríamos adotá-lo. Ele é tão amoroso. E além do mais, ele está desamparado nesse mundo. É um gatinho órfão. Podemos ficar com ele? *S'il vous plaît.* – disse Evangelista.

- *Oui.* – disse Inocência – O gatinho fica. Mas que lindinho. Ai que amor.

- Realmente fofinho. – disse Rodrigo.

- Precisamos agora pensar em um nome para ele. – disse Inocência.

- Pauzinho de Fumo, porque ele é pretinho. – disse Evangelista.

- *Formidable!* – disse Evangeline.

- A partir de hoje, Pauzinho de Fumo se torna o mais novo membro da família Fortunato. – disse Rodrigo.

- Vão à praia pegar areia para ele cagar. – disse Inocência.

- Ah, como é bom ter a praia no quintal. – disse Evangelista.

- Nós também vamos ensinar ele a passear na trelinha, que nem cachorro. – disse Evangeline.

Tudo foi devidamente organizado e adaptado para o gatinho se sentir confortável. E todos ficaram felizes com a chegada de Pauzinho de Fumo.

No dia seguinte de manhã, Evangeline e Evangelista se preparavam para ir à escola.

- Vamos ver no que vai dar. – disse Evangelista.

- *“Se a gente colocar a nossa fé em ação, vai dar tudo certo”*. – disse Evangeline.

- Evangeline e suas respostas musicais. – disse Rodrigo.

- Fiquem tranquilos, tudo vai correr bem. Vocês vão se socializar bastante aí. Lembrem-se. Sejam vocês mesmos. – disse Inocência.

Após o café da manhã, todos entraram no carro. Inocência e Rodrigo deixaram os filhos no colégio, mas ficaram com eles até que eles achassem a sala de aula deles e até que o sino tocasse para entrar.

Vitória Ferreira

- Ah, como é bom ser gêmeo. Juntos na mesma sala, nós seremos imbatíveis. - disse Evangelista.

- Também concordo. Nós vamos sentar juntos. - disse Evangeline.

O sino tocou.

- Boa sorte e fiquem bem. - disse Inocência.

- Tudo vai dar certo. - disse Rodrigo.

Inocência e Rodrigo se despediram dos filhos e seguiram para o trabalho.

O primeiro dia de aula correu tudo bem. Evangeline e Evangelista se destacaram por além de serem gêmeos, eram novatos.

Na hora do intervalo, eles foram puxar conversa com uma menina da sala deles.

- Oi. - disseram os gêmeos.

Terra do Nada

- Oi. - disse a menina, cujo nome era Maíra - Vocês são novatos?

- Somos. - disse Evangeline.

- De onde vocês vieram? - perguntou Maíra.

- De Cannes. - disse Evangelista.

- Eu também sou de lá. No início do ano letivo, eu era uma novata assim como vocês. Mas, o que trouxe vocês aqui em Terre de Rien? - perguntou Maíra.

- Trabalho dos nossos pais. Eles foram transferidos para cá. São enfermeiros. - disse Evangeline.

- E você, qual é a sua missão nessa cidade? - perguntou Evangelista.

- Meu pai é pastor. - disse Maíra - Então viemos todos para cá. Eu, meus pais e meus dois irmãos.

- Seus irmãos também estudam aqui? - perguntou Evangeline.

- Não. A minha irmã é um bebê, e o meu irmão estuda no Colégio Gustavo. Ensino fundamental é lá. Ele está na sétima série. - disse Maíra.

- Seu pai é pastor de que igreja mesmo? - perguntou Evangelista.

- Da Igreja Protestante de Terre de Rien. - disse Maíra - Também, é a única igreja evangélica aqui na cidade. A outra é católica.

- Então com certeza vamos nos ver na igreja. Também somos evangélicos. - disse Evangeline.

- Mesmo? Que legal. - disse Maíra - E até os nomes de vocês são relacionados com a religião.

- Todos dizem isso. - disse Evangelista - Invenção dos nossos pais.

- Pois deu certinho. Combinou perfeitamente. - disse Maíra.

Os três ficaram conversando e se tornaram amigos.

O primeiro dia de aulas foi ótimo. Tudo deu certo e ainda eles fizeram uma nova amizade.

Ao meio-dia, Inocência e Rodrigo foram buscar os filhos na escola.

- Então, filhotes. Como foi o primeiro dia de aulas?  
- perguntou Inocência.

- Ótimo. - disse Evangelista - Gostei do colégio.

- Fizemos amizade com a filha do pastor da igreja que vamos frequentar. - disse Evangeline.

- Que ótimo. Amigos na escola e na igreja. - disse Rodrigo.

Cidade pequena é cheia de causos, histórias e lendas urbanas. Terre de Rien não poderia ser diferente. Certa feita aconteceu um caso de uma casa mal-assombrada. E era coisa de agora, estava acontecendo atualmente. Muitos que passavam perto da casa, ela fazia barulhos estranhos. Barulho de quebradeira, de pedras no telhado.

Aquele era o assunto mais falado. Em tudo quanto era lugar lá entrava o tema da casa mal-assombrada a ser abordado. Era na escola, no trabalho, em casa, na rua, na chuva, na fazenda, na praia, no Facebook.

Numa noite, Inocência, Rodrigo, Evangeline e Evangelista estavam à mesa jantando. Logicamente, comentando sobre o assunto do momento.

- O que vocês acham dessa presepada? - perguntou Inocência.

- Embromação. – disse Evangeline.

- Povo não tem o que inventar. Isso daí é falta de uma louça pra lavar. – disse Rodrigo.

- Oremos. – disse Evangelista.

- Isso de fantasma, sabe, não existe. Só burro mesmo para acreditar num trem sem lógica desses. Ou o camarada vai pro céu ou vai pro inferno. Não existe isso de alma penada ficar zanzando por aí com pendenga pra resolver e alguém que mexe com espírito querer ensinar o caminho da luz pra ela. – disse Inocência.

- Enquanto isso, vamos acompanhar os próximos capítulos dessa novela doida. – disse Evangeline.

- Um dramalhão mexicano recheado de aventuras, emoções, romance e suspense. Ai, ai. – disse Evangelista.

E todos riram às gaitadas.

A novela continuava. Mas não demorou muito em acabar essa farra.

Era uma sexta-feira à noite. Inocência, Rodrigo, Evangeline e Evangelista foram à igreja. Após entrarem para orar de joelhos, eles ficaram na porta se socializando com os irmãos da igreja, pois o culto ainda não havia começado.

- Que tal isso de casa mal-assombrada? O que mais descobriram? - disse Inocência.

- É as próprias pessoas que moram lá estão destruindo a própria casa. Briga de irmãos. Tem lógica um trem desse? - disse a irmã Francisca.

- Esse povo é endemoninhado. - disse Rodrigo.

- Eles estão carecendo de um exorcismo brabo. - disse Evangeline.

- Precisam é de peia, isso sim. – disse Francisca.

Todos riram.

- Também acho. – disse Evangelista.

- Algumas das irmãs do círculo de oração estão querendo ir lá orar na casa deles. – disse Francisca.

- Eu nem mexo com isso, sabe? Aquele povo daquela casa é meio esquisitóide. Quando a pessoa quer Deus, ela vai lá e procura. Não precisa as irmãs ir lá de penetra. – disse Inocência.

- Concordo plenamente. Macaco velho não mete a mão em cumbuca. E dessa cumbuca eu não pretendo passar perto. – disse Francisca.

No dia seguinte estava tudo calminho. Nunca mais se ouviu barulho de depredação. Inclusive o povo daquela casa estava era consertando a lambança que fizeram nos últimos dias. Tudo lindo e maravilhoso. Até hino evangélico se ouvia daquela casa. Era um tal de “*remove a*

*minha pedra, me chama pelo nome. Muda a minha história, ressuscita os meus sonhos". E também aquilo de "Tem sabor de mel, tem sabor de mel, a minha vitória hoje tem sabor de mel". E ainda "Agora é só vitória, agora é só vitória, agora é só vitória, a prova acabou, a luta foi embora, agora é só vitória".*

- Sabe o que eu acho? Fogo de palha. A pessoa tem a vida toda atrapalhada e depois que pagar de crente botando hino evangélico pra cidade inteira ouvir. - disse Inocência.

- Rum, ai, ai. Pra ser crente a pessoa tem que nascer de novo, se converter, confessar a fé, se arrepender e ir para a igreja. - disse Evangelista.

- Eu só acredito que eles se converteram se eu ver eles indo pra igreja. Sou igual Tomé, só acredito vendo - disse Evangeline.

- Eu não gosto de ficar julgando não, mas vocês têm razão. Vamos ver no que vai dar. Se eles quiserem

Terra do Nada

mudança de vida, eles sabem onde fica a igreja evangélica.

- disse Rodrigo.

- É mesmo. - disse Evangelista.

- Pelo menos eles pararam com essa frescura de tacar pedra no próprio telhado. - disse Inocência.

O prefeito de Terre de Rien era uma figura bastante peculiar. Tanto que merece um capítulo só para contar uma de suas pérolas. Seu nome era Zezinho das Couves.

Inocência e Rodrigo já perceberam que ele era meio analfabeto. Num dia desses, quando eles foram à prefeitura, o viram escrevendo uma autorização que começava assim “*Eu Otorizo...*”.

“Otorizo”? Não seria “autorizo”? Na hora o casal disfarçava para não rir, mas depois que saíram da prefeitura, eles caíram na gaitada. Chegaram em casa, contaram para Evangeline e Evangelista. Aí pronto. Ataque de riso frenético.

- Esse prefeito é uma figura épica. - disse Evangelista.

Terra do Nada

- E bota épica nisso. Na hora eu me segurei para não rir. – disse Inocência.

- Ele é uma espécie de Tiririca. – disse Rodrigo.

Todos gargalharam.

- Comparação perfeita. – disse Evangeline.

- Foram separados na maternidade. – disse Evangelista

- Pior do que está não fica. – disse Inocência.

- Quer saber o que um político faz? Vota nele que ele te explica. – disse Evangelista.

- Ele tinha que voltar para a escola. Sério mesmo. Parece engraçado, mas ele precisa concluir seus estudos para aprender a escrever. – disse Evangeline.

- Verdade aplicada. – disse Rodrigo.

Safira e Raimundo atravessavam uma crise no casamento. Não era coisinha boba, dessa vez a pinimba era séria. As brigas estavam bem sérias, e até em quartos separados eles já dormiam.

Raimundo estava se comportando mal. A bebida e o cigarro eram um dos motivos principais. Entre outras coisas também. O ciúme possessivo dele, o fato de ele tratar Safira como se fosse uma propriedade, a sovinice dele, a falta de atenção para com Safira. Ele desviou, parou de ir para a igreja e desregrou toda a vida dele. Pior ainda, ele estava querendo proibir Safira de ir à igreja.

Safira estava sofrendo demais. Inocência e Rodrigo a aconselhavam:

- Se esse relacionamento não está te trazendo vantagem, é melhor você mandar o Raimundo ir pastar e tratar de ser feliz. - disse Inocência.

- É isso que eu vou fazer e vai ser hoje. Eu não pretendo ficar sofrendo igual mocinha de novela mexicana. Chega disso. - disse Safira.

- Se ele fizer a carinha do gato de bota do Shrek, não se convença. Marido que apronta faz isso, aí a mulher fica com peninha e não se separa. E fica lá naquele atraso de vida. - disse Rodrigo.

- Eu manjo das malandragens. Tenho opinião formada. Eu vou acabar com essa história ainda hoje. - disse Safira.

- Quando você se separar, vem aqui para casa. Você pode ficar aqui o tempo que precisar, até conseguir uma casa para você. - disse Inocência.

- Obrigada, maninha. Você é um amor. - disse Safira.

- Irmãs servem para essas coisas. - disse Inocência.

Chegou o momento da conversa decisiva.

- Raimundo, não dá mais. A sua conduta está deixando muito a desejar, o nosso casamento está uma porcaria e eu não quero isso para mim. Quero o divórcio.  
- disse Safira.

- Não vejo motivo para nos divorciarmos. Espere aí, você está gostando de outro? É isso! Você é uma safada! - disse Raimundo.

- Escuta aqui. Safada é a senhora sua mãe! Eu quero o divórcio porque você está aprontando. Você parou de ir na igreja, começou a beber e a fumar, dinheiro anda evaporando nessa casa e você sabe disso. Não vá pensando você que eu vou ficar de sofredora nessa história. Eu estou aproveitando agora que você está sóbrio e sua cabeça não está tão quente assim para eu pedir o divórcio.

- Não, você não vai!

- Vou sim e você não vai me empatar. Raimundo, coloca a mão na consciência! Você sabe muito bem porque eu estou saindo desta casa. Você desviou da igreja e quer me arrastar junto. Mas não mesmo! Tô fora! Já deu!

Safira ficaria por uns dias na casa de Inocência até ajeitar sua situação. Raimundo, logicamente, não se conformava com a separação.

Naquela noite, Inocência e Rodrigo dariam uma festinha em casa, uma social entre amigos, algo bastante exclusivo mesmo, para comemorar a vitória da seleção francesa contra a Itália.

Todos estavam bem animados. Gente conversando, rindo, comendo, bebendo, dançando e se divertindo. A festa estava ótima. Até que algo, aliás, alguém, estragaria tudo arrumando encrenca.

Inocência havia ido até à cozinha e foi surpreendida por Raimundo, que entrou pela porta dos fundos. Ele estava bastante alterado e disse:

- Eu vou levar a Safira comigo! Ela vai comigo!

- Não mesmo, você é pirado ou o quê?! Raimundo, você não é bem-vindo aqui. Você não foi convidado para a festa, a Safira disse que não quer te ver. – disse Inocência.

- Cala a boca, Inocência! Eu não pedi sua opinião! A Safira vai comigo!

- Na minha casa ninguém me manda calar a boca! Vai fazer o quê, vai me bater?

E começou a briga. Raimundo queria agredir Inocência. Safira, Rodrigo, Evangeline e Evangelista foram socorrê-la. Juntou todo mundo na cozinha. Inocência, para se defender, pegou uma faca para ameaçar Raimundo.

- Inocência, pára. Largue a faca. – disse Safira – E Raimundo, vaza daqui! Eu não vou com você!

Rodrigo entrou em defesa de Inocência e partiu para a agressão. Ele e Raimundo começaram a se engalfinhar, mas Rodrigo estava em vantagem.

- Alguém chame a polícia! – gritou Safira. Ela e Inocência ajudavam Rodrigo a dar uma lição em Raimundo, para que ele parasse.

Evangelista foi para um canto da casa e telefonou para a polícia. Depois ele voltou para a cozinha e entrou no meio do bolo. Uma gritaria lascada, uma confusão generalizada em que a vizinhança ouvia tudo e os curiosos de plantão ficaram todos em frente à casa de Inocência e Rodrigo para tentar descobrir o que se passava ali. Numa questão de tempo, a polícia chegou e prendeu Raimundo. Acabou o clima da festa.

Foi a família toda para a delegacia prestar depoimento. No final tudo terminou bem. Raimundo ficaria preso e no dia seguinte seria transferido para a cadeia de outra cidade. Safira, Inocência, Rodrigo, Evangeline e Evangelista voltaram para a casa.

- Evangelista, você é o meu herói. – disse Safira.

Terra do Nada

- Imagine, eu só fiz a minha parte. Quando um dos meus está em apuros, eu entro em defesa. - disse Evangelista.

- Salvou o dia. - disse Evangeline.

- Esse é o nosso filho. - disse Rodrigo.

- Puxou a mim. - disse Inocência.

- Agora o Raimundo vai ficar bem longe. - disse Safira.

Semanas se passam e a fila anda. Safira estava de amor novo. Seu nome era Ricardo, e eles se conheceram no trem para Terre de Rien. Ricardo estava de mudança para lá, pois ele trabalharia na prefeitura. Eles tiveram muito que conversar no trem, e tinham muito em comum. Ele era evangélico, e mudando-se para Terre de Rien ele seria da mesma igreja de Safira. Seriam colegas de trabalho, pois assim como ele, Safira era funcionária pública.

Eles se tornaram bastante amigos, mas o sentimento ia além de amizade. O amor estava no ar. Safira e Ricardo começaram a namorar. Namoro sério mesmo, para casamento.

Mas eis que a vida lhes dá um duro golpe. Num dia desses, Ricardo foi fazer um check-up de rotina. Safira foi

junto. Então a bomba: Ricardo tinha apenas três meses de vida. Trocando em miúdos, ele estava com o pé na cova.

Safira sofreu, chorou, seria viúva antes mesmo de se casar. Do jeito que as coisas estavam, estava parecendo até que era ela que iria morrer. Sim, pois Ricardo estava calminho, calminho. Mas mesmo assim ele questionava, pois estava tão bem fisicamente, bem disposto, sem nenhum sintoma de enfermidade.

- O jeito é orar. Todo mundo fazendo campanha de oração aqui em casa. – disse Inocência.

- Eu estou dentro. – disseram os gêmeos Evangeline e Evangelista.

- Vamos mover montanhas pela fé. – disse Rodrigo.

- Eu vou ligar agora pro pastor, para que ele peça aos irmãos da igreja que também façam uma corrente de oração. – disse Inocência.

- Eu agradeço pelo apoio de todos. Vocês são maravilhosos. - disse Safira.

- Família é pra essas coisas. - disse Evangeline.

E assim foi. Todos orando por Ricardo. Uma corrente de oração.

Então, coisas boas aconteceram. A clínica mandou uma correspondência para Ricardo, avisando que os exames foram trocados e pedindo desculpas pelos transtornos. O exame de Ricardo na verdade não deu nada. Ele estava mais saudável do que nunca, e forte como um touro. O infeliz seria outro a receber a bomba. Ou não. As orações dos irmãos da igreja não foram em vão. O outro fez um segundo exame, que já não diagnosticava nada. Ninguém morreria.

- Aleluia Deus! - disse Safira - Ele ouviu nossas orações.

- Deus é pai! - disse Ricardo - É, meu amor, parece que você não vai se livrar de mim tão cedo.

Terra do Nada

- E nem pretendo.

- Safira, você aceita se casar comigo?

- Aceito.

- Vamos viver felizes para sempre.

Safira e Ricardo planejavam o casamento.

- Vai ser na praia. – disse Safira.

- Ótimo. – disse Ricardo – Lua-de-mel na Índia.

- Perfeito. Precisamos fazer a lista dos convidados, e tratar logo dos convites.

- Quem nós convidaremos?

- Família, amigos e irmãos da igreja.

- Precisamos formular a lista dos presentes de casamento para deixar disponível. Ah, e nossos padrinhos, precisamos escolher.

- Evangeline e Evangelista vão ser os meus padrinhos. Inocência e Rodrigo serão os seus padrinhos.

- Perfeito.

Uma tarde para resolver tudo. Eles tinham dinamismo em planejar.

Enfim chegou o grande dia. O casal subiria ao altar. Era uma tarde de primavera, um clima bastante ameno. Os convidados foram chegando na praia de Terre de Rien. Todos usavam branco.

No altar, Ricardo estava numa impaciência. Ansioso que só vendo. Coração disparado. Mas eis que a noivinha Safira aparece caminhando em direção ao altar acompanhada pelo pai. Ele deixou a sua filha no altar e disse para Ricardo em tom de brincadeira:

- Se você a fizer sofrer, vai se ver comigo.

- Não vou decepcionar. – disse Ricardo.

Após o sermão do pastor, eles assinaram os papéis, trocaram alianças e se beijaram. Todos aplaudiram.

Após a cerimônia, uma animada festa com tudo a que se tinha direito. Todos dançaram bastante, comeram

bem e se divertiram muito. Eles viraram a noite festando na praia.

Após a festa, Safira e Ricardo tomaram o trem para Cannes. De Cannes, seguiriam para Paris, onde pegariam o vôo para Calcutá.

Enquanto isso, em Terre de Rien, os pais de Inocência e Safira ficariam lá por uns dias. Assim, matavam a saudade da filha, netos e genro.

Inocência e Rodrigo convidaram o pastor Mackenzie e família para almoçar. Era um domingo nublado, e eis que surgem todos. Mackenzie, a esposa Lucielle e os filhos Maíra, Eliot e Natália, sendo a última um bebê de um ano de idade.

- *Bonjour.* - disse Inocência - Entrem, por favor. Fiquem à vontade.

Todos entraram. Maíra e Eliot ficaram conversando com Evangeline e Evangelista e brincando com o gato Pauzinho de Fumo. Mackenzie e Lucielle conversavam com Rodrigo. Inocência estava na cozinha concluindo suas iguarias e especialidades. Logo depois, o almoço ficou pronto.

- Se embora bater um rango, povo. - disse Inocência.

- Opa, é para já. - disse Rodrigo.

Todos se reuniram à mesa. Deram graças pelo alimento e depois se serviram. Na mesa, eles conversavam sobre palhaçadas de photoshop.

- Uma ótima idéia seria pegar a foto de alguém com microfone, tirar o microfone e colocar um picolé. - disse Mackenzie.

- Ficaria bem cômico. - disse Rodrigo.

- Nossa primeira cobaia poderia ser o apóstolo chapéuzudo. - disse Evangelista.

Todos caíram na gargalhada.

- Perfeito, Evangelista. Ótima idéia. - disse Inocência.

- Aí a gente vai lá e posta no Facebook. - disse Maíra.

Terra do Nada

- Seria campeão em curtidas e compartilhamentos.
- disse Evangeline.

Depois do almoço, todos foram conversar na sala. Conversa vai, conversa vem, Lucielle disse que Maíra e Eliot são filhos só dela, e não de Mackenzie. Apenas Natália era filha dela com Mackenzie.

- Evito comentar isso com todos para não ficar a perguntação e para não ficar embaraçoso para a gente. - disse Lucielle.

Enquanto os adultos ficaram conversando, os adolescentes foram para o quintal para pensar no que brincar naquele domingo nublado.

- Tênis. - disse Evangeline.

- Boa idéia. - disse Evangelista.

Evangeline foi pegar as bolas e raquetes. Formaram-se os times. Maíra e Eliot de um lado, Evangeline e Evangelista de outro.

Terra do Nada

- Estamos no Torneio de Roland Garros. - disse Maíra.

- Já estou me imaginando. - disse Evangeline.

E o jogo começou. Todos estavam se divertindo muito. Eles ficaram jogando por bastante tempo. Até que se cansaram.

- Pronto, chega. Cansei. - disse Maíra.

Todos foram sentar e descansar para pensar no que fazer a seguir.

- Alguém topa jogar queda-de-braço? - sugeriu Evangeline.

- Opa, com certeza. - disse Evangelista.

- Eu ganho de todo mundo. - disse Maíra.

- Isso é o que vamos ver. - disse Eliot.

E a disputa começou. Todos ali medindo força. Uma disputa aleatória e intercalada. Homem com homem,

Vitória Ferreira

mulher com mulher e até mesmo mulher com homem. Todos enfrentaram todos, cada um em sua vez. Todos se divertiram muito.

Enquanto Rodrigo e Mackenzie conversavam na varanda, Inocência e Lucielle conversavam na sala, no parapeito da janela. Natália estava no colo de Mackenzie, lá fora.

- Deus está me revelando agora que vocês não vão sair daqui tão cedo. Vocês ainda vão ficar muitos anos em Terre de Rien. - disse Lucielle.

- Ai é mesmo? - duvidou Inocência - Mistério de Deus bem aqui.

- Sabia que eu sou técnica em enfermagem?

- Não, não sabia. Que legal. Há quanto tempo você está desempregada?

- Há uns três anos.

- Você devia ver com o prefeito uma possibilidade de você trabalhar no postinho. Seríamos ótimas colegas de trabalho.

- Quem sabe não dá certo. Ah, mudando de pato para ganso, que dia da semana você colhe prevenção?

- Quinta feira.

- Eu quero levar a Maíra lá para fazer.

- A Maíra? Não. Virgens não colhem prevenção. O exame é feito a partir da primeira relação sexual. Ela não tem necessidade de colher prevenção.

- Deixa pra lá então.

Depois de uma agradável tarde de domingo, era momento das visitas voltarem para a casa. Mackenzie foi chamar os demais.

- Lucielle, chame os meninos. Nós já vamos embora. – disse ele.

- Mas já? Tá cedo. – disse Inocência.

- Vou lá chamar os meninos. – disse Lucielle. Ela foi lá chamar Maíra e Eliot.

- Maíra e Eliot. Vamos para a casa. – disse ela.

- Temos de ir. – disse Maíra – Mas foi ótimo brincar com vocês. Qualquer dia desses a gente se enfrenta novamente na queda-de-braço.

- Com certeza. Vamos repetir a dose. – disse Eliot.

- A revanche. – disse Evangelista.

- Resolver as pendências não resolvidas. - disse  
Evangeline - Me diverti muito hoje.

Os anfitriões se despediram das visitas. A tarde já  
caía, e logo seria noite.

Finalmente as visitas foram embora. Agora Inocência poderia chorar à vontade. Rodrigo, Evangelista e Evangeline viram que ela estava triste e chorando, e foram saber o que estava acontecendo.

- O que foi, *Nocência*? - perguntou Rodrigo.

- A Lucielle disse que Deus disse para ela que a gente ficaria aqui pro resto da vida. Eu não quero isso para mim. Terre de Rien para mim significa apenas uma experiência profissional de curto prazo, um intercâmbio. Aí vem ela e me fala um negócio desses. No final do ano eu quero voltar para Cannes, eu não vou passar o resto da vida aqui. - disse Inocência.

- Isso daí é profetada. - disse Evangelista - A Lucielle é mestra nessa arte. Deus se manifesta de outras formas. A Lucielle parece aquela “profetisa” crente lá de Toca City, que ia nos outros e ficava dizendo que

determinada mulher precisava parar de pintar as unhas, parar de usar brinco, não cortar mais o cabelo e se livrar de todo tipo de vaidade, caso contrário, Deus levaria para a Glória. Ou seja, morreria como castigo.

- Inclusive a mesma profetisa de Toca City uma vez foi lá na casa de uma crente que nem era da igreja dela levando um frasco de acetona dizendo que Deus mandou ela comprar a acetona e levar para ela para ela tirar o esmalte. Só porque ela usou um rendinha nas unhas porque ia se casar. Realmente isso é falta do que fazer. Inclusive a filha dessa profetisa apronta por aí, apanhou da polícia e foi para a cadeia. Disso ela não cuida. Mas voltando ao seu assunto, mãe. A Lucielle não sabe de nada. Ela é uma oportunista. Ela disse isso porque quer pegar uma boca lá no postinho e quer ir de carona com você. Já saquei qual é a dela. – disse Evangeline.

- Pior ainda é que ela usa o nome de Deus para fazer profetadas sem fundamento. Isso não é conduta de

cristão. Assim ela se iguala àquelas ciganas que lêem mão.  
- disse Rodrigo.

- Uma bela macumba. - disse Evangelista - Mas não fique assim, nós não vamos passar a vida inteira aqui em Terre de Rien. Nós voltaremos para Cannes no final do ano. Não é a vontade de Deus nós passarmos o resto da vida no meio do mato.

- Evangelista tem razão. Alegre-se, meu amor. Não se deixe abater por falsas profecias. Jesus te ama e eu também. - disse Rodrigo.

- *“Alegra coração, alegre. Jesus não te esquece. Não chores coração, porque Jesus está aqui. O sonho que você quiser qualquer hora acontece. E quando o sonho é de Deus, ninguém pode impedir.”* - disse Evangeline.

- Evangeline, meu canarinho. Só você mesmo para me fazer sorrir com suas respostas musicais. O hino falou comigo agora. - disse Inocência.

- Amanhã mesmo eu vou falar com o Mackenzie, para ver se ele dá uma chamada de atenção na Lucielle. - disse Rodrigo.

- E agora, mamãe, está mais calma? - perguntou Evangelista.

- Sim, depois do apoio moral que vocês me deram. Vocês são uns amores. Amo todos. - disse Inocência.

- Também amamos você. - disse Evangeline.

Anoiteceu com chuva forte. A família ficou toda reunida assistindo um bom filme. E o dia terminou bem.

No dia seguinte, Rodrigo chamou Mackenzie em sua casa para um papo sério.

- Pastor, preciso levar um particular com o senhor. A parada é a seguinte. Ontem a sua esposa disse para Inocência que Deus lhe havia revelado que ela ficaria em Terre de Rien para o resto da vida. O fato é que a minha mulher ficou aborrecida por causa dessa palavra. - disse Rodrigo.

- Quero falar com a irmã Inocência. - disse Mackenzie.

Inocência apareceu na sala e disse:

- Paz do Senhor, pastor.

- Paz do Senhor, irmã. Seu marido me contou sobre ontem. Eu queria pedir desculpas pela minha esposa. Ela costuma fazer isso às vezes. Falar sem pensar, e muitas

vezes ela acaba falando besteira. Vou conversar com ela. Não quero que fique esse mal-estar entre vocês. – disse Mackenzie.

- Obrigada, pastor. Fale para a sua esposa procurar a prefeitura. Quem sabe o prefeito não arruma emprego no postinho para ela? Mande um currículo dela, vai ser bom.

- Faremos isso. Vamos tentar.

Depois que Mackenzie saiu, Inocência e Rodrigo foram conversar no quintal, olhando para o mar.

- *Nocência*, eu achei muito estranho um negócio. Ontem a Lucielle disse que a Maíra e o Eliot são filhos dela do primeiro casamento. Mas depois o Mackenzie disse que a verdade era que ele é o pai dos meninos. Lucielle é que é a madrasta. – disse Rodrigo.

- Realmente estranho. Por que ela mentiu então? – disse Inocência.

- *Je ne sais pas*. – disse Rodrigo.

- A Lucielle é doida, queria levar a Maíra para colher prevenção. Ai, ai. Uma menina virgem de quinze anos. Isso não tem lógica.

- Frescura e invenção de moda.

- Também acho. Eu também sinto que tem mais coisas sobre essa Lucielle que não sabemos. Eu vejo sofrimento nos olhos da Maíra.

- Também tenho essa sensação.

- Vamos ficar só observando. Pois a Maíra com certeza vai precisar de ajuda.

Inocência e Rodrigo tinham razões em suas suspeitas. Lucielle, como madrasta, deixava muito a desejar. Veremos a seguir nos próximos capítulos.

Numa tarde, Evangeline foi brincar na casa de Maíra e Eliot.

- Boas tardes, povo. – disse Evangeline.

- Boas tardes. – disse Eliot.

- É uma raridade ver você separada do Evangelista.  
- disse Maíra.

- Verdade, nós somos sempre grudados. É que ele está no treino de futebol. – disse Evangeline.

Evangeline e Eliot ficaram jogando Banco Imobiliário na sala de estar. Maíra não estava podendo brincar no momento, pois tinha que arrumar a cozinha e

limpar a casa toda. Mackenzie estava na igreja tocando as reformas, e Lucielle estava puxando um ronco com Natália. Então Evangeline começou a perceber as desigualdades naquela casa. Lucielle e Natália tinham todas as regalias, inclusive a soneca da tarde. Enquanto isso, Maíra penava arrumando a cozinha. Lavando a louça, areando as panelas, limpando o chão, arrumando a casa. Não que isso fosse injustiça, pois os filhos devem ajudar os pais nas tarefas domésticas. Inclusive Evangeline tinha enorme participação na organização de sua casa. Mas o caso de Maíra era outro. Ela estava sendo meio que explorada. A divisão das tarefas era feita de forma desigual, de forma que Lucielle fosse favorecida.

Depois de trabalhar um bocado, Maíra se juntou a brincadeira com Evangeline e Eliot. Lucielle e Natália continuavam dormindo no sétimo sono. Por isso, eles tinham o cuidado de falar baixo para não acordar a bebê Natália.

No momento, os três estavam jogando truco. Uma missão quase impossível jogar truco sem fazer barulho. Era um jogo caracterizado pelo fato de os jogadores falarem alto, baterem na mesa. E agora todo mundo tinha que jogar quietinho para não acordar as duas “princesas”.

Depois de quase uma tarde inteira tirando uma pestana, Lucielle e Natália despertaram. Ou melhor, Natália acordou Lucielle, pois estava com fome e era hora da mamadeira.

Lucielle pôs o lanche na mesa e convidou os meninos. Maíra, Eliot e Evangeline foram lanchar.

Enquanto lanchavam, Lucielle preparava a mamadeira de Natália. Aliás, duas mamadeiras. Evangeline só sondando. Ficou admirada com o que viu. A mamadeira de Natália continha além do leite, Mucilon, Nescau, massa de mandioca, multimistura, maisena e bolachas trituradas. Uma bomba calórica para um bebê de um ano de idade. Evangeline só formulando as conclusões em sua mente. E vendo Maíra tão magrinha.

Chegando em casa, Evangeline foi fofocar para sua mãe. Já chegou dizendo:

- Mamãe, nem te conto o babado. Eu vi coisas naquela casa. Para começar, a Maíra trabalha igual condenada enquanto que a princesa da madrasta dela fica lá dormindo boazona a tarde inteira. É lógico que os filhos devem ajudar nos trabalhinhos de casa, eu faço isso, Evangelista também. Mas acontece que no nosso caso as tarefas são todas divididas por igual. Enquanto que a Maíra carrega a casa nas costas. O pai não pode ajudar, porque está na reforma da igreja. E o Eliot também ajuda, mas hoje ele ficou fazendo sala para mim. Afinal, eles me convidaram para ir a casa deles. Agora se prepare para a notícia bafônica. Eu vi a Lucielle fazendo a mamadeira da Natália. Eu fiquei rosa chiclete com o que eu vi ali. A guria toma duas mamadeiras contendo leite, Mucilon, Nescau,

massa de mandioca, multimistura, maisena e bolachas trituradas. Achei um exagero. E a Maíra é tão magricela.

- Era o que eu deduzia. Lucielle nutre a Natália em excesso. A gurua está obesa, um horror. Ela tem o estômago dilatado. Ela trata a filha biológica dela a pão-de-ló. - disse Inocência.

- Com certeza ainda tem mais mistério pra ser revelado.

- Sem sombra de dúvidas.

Lucielle estava na berlinda da família Fortunato. Deu para perceber que como madrasta ela era um desastre. Muitos episódios confirmariam esse fato.

Numa tarde como as outras, Inocência e Lucielle conversavam como duas comadres.

- Ah, *Nocência*. Estou preocupada. Logo, logo a Maíra vai fazer dezesseis anos. Ah, vai ser complicado. Adolescência é uma fase complicada. É a fase da rebeldia, da revolta e dos hormônios à flor da pele. - disse Lucielle.

- Não. - disse Inocência - Você está com um conceito errado de adolescência. Eu falo por experiência própria. Tenho dois adolescentes. Eles são adoráveis. De rebeldes e revoltados eles não têm nada. E são da mesma idade da Maíra. E a Maíra é uma menina adorável, nunca te deu trabalho. Ela sempre está te ajudando nos trabalhos domésticos, é uma pessoa politicamente

correta, nunca deu problema na escola, nunca saiu escondido para namorar por aí. Portanto, amiga, fique de boa na lagoa. Você tem uma enteada perfeita. Adolescência é uma idade ótima. O fato de ela completar dezesseis anos não vai fazer com que ela dê mais trabalho, muito pelo contrário. Ela vai crescer e amadurecer.

- Pode ser. Ah, mas eu penei. Foi muito difícil eles começarem a me chamar de mãe. Demorou muito para isso. E eu lutei, pejei para isso acontecer. Hoje já me chamam de mãe, mas volta e meia sai um “Lucielle”. Ah, mas eu fico zangada com isso.

- Uai, mas é lógico. Tinha que ter paciência, não é? Isso não é do dia para noite. Tudo naturalmente, sem forçar a barra.

Numa tarde de sábado, acontecia na igreja o ensaio dos jovens, com a direção de Lucielle. Evangeline e Evangelista, logicamente, estavam presentes. Máira iria solar o hino. Ela era uma exímia cantora, cantava com uma voz angelical. Ela e Evangeline eram os canários da igreja, os talentos.

No ensaio, por acidente, Máira errou o tempo da música. Ela não costumava errar, pois tinha experiência. Mas aquilo foi tudo para Lucielle virar o capeta.

- A Máira não está ensaiando, ela está muito relapsa. Tem que ter compromisso, menina! Estou muito zangada. Você não está prestando para nada. Eu vou te colocar no trem de volta para Cannes, porque aqui você está me saindo uma completa e perfeita preguiçosa. Se embora tocar o ensaio. E dessa vez com profissionalismo!

Evangeline e Evangelista se olharam, que diziam “em casa a gente comenta sobre o ocorrido”.

Maíra ficou tão sem graça. Mas o ensaio continuou normalmente e tudo correu bem. Ela não errou mais o hino e todo o coral cantou em sintonia perfeita.

No caminho de casa, Evangeline e Evangelista vinham comentando sobre o que viram na igreja.

- Crê em Deus Pai, mas como a Maíra sofre! – disse Evangeline.

- E isso não é de agora. – disse Evangelista – a pastora Lucielle pegou pesado demais com ela.

- Também acho. Ah, Evangelista, eu me segurei para não entrar no meio. Eu me segurei mesmo. Porque sabe, eu sou igual a mamãe, quando eu vejo injustiça eu já vou logo entrar em defesa.

- Eu também sou desse jeito. Mas a treta é que ficaria complicado se a gente se intrometesse. Ficaria uma situação meio complicada, uma saia justa. Seguinte, nós vamos contar para nossos pais e juntos vamos pensar em uma solução. Vai ser a coisa mais sensata a fazer.

- Por tudo que vimos e descobrimos durante esses dias, está mais que explicado que a Maíra precisa de ajuda. Eliot também.

- Isso está parecendo aquele conto de fadas infantil.

- Maíra é a cinderela, Lucielle é a madrasta e Natália é a meia-irmã.

- Se bem que Natália é apenas um bebê, não traz risco.

- Pode até não trazer, mas aquela menina é traquina. Corre pela igreja, faz pipi no chão, e é gorda porque come demais.

Chegando em casa, Evangeline e Evangelista contaram tudo para seus pais. Eles ficaram estupefatos.

- Aquela mulher é um espeto! Aquilo não é madrasta, é castigo. Agora eu entendo aquele ditado que fala “vida madrasta”. - disse Inocência.

- Só sei que ela desceu o pau na Maíra. Falou cobras e lagartos, e a constrangeu na frente de todo mundo por causa de besteira. - disse Evangelista.

- A Lucielle está passando do limite. Já não é de hoje, nós estamos observando coisas. - disse Rodrigo.

- E enquanto à ameaça de colocar Maíra no trem de volta para Cannes. Nesse caso ela devia era dar glória Deus, pois ela estaria era no lucro. Sair do meio do mato, voltar para a glamorosa cidade na Riviera Francesa e se

livrar da mala da madrasta. Estaria unindo o útil ao agradável. – disse Inocência.

- Eu tenho pena daquela menina. Cumpre com todas as obrigações, até demais, e ainda vem a Lucielle dizer que ela não presta para nada. Um verdadeiro absurdo. Olha, eu me segurei para não falar umas verdades ali na hora. – disse Evangeline.

- Ah, mas qualquer hora dessa eu falo. Na próxima oportunidade eu aproveito e falo. Essa mulher vai ter que escutar umas poucas e boas. – disse Inocência.

Lucielle era complicada por um todo. Não era só com os enteados. Ela era esquisitona mesmo de natureza. Nas pregações e testemunhos, ela só falava de sapato. Era um tal de *“ah, eu estava orando para Deus para que eu vestisse e calçasse do bom e do melhor. Ele atendeu minhas orações. Esses dias mesmo a minha mãe comprou um monte de par de sapatos, mas nenhum serviu para ela, e ela deu tudo para mim. É para glorificar de pé, igreja!”*. E também ela vivia reclamando de sua condição. Ela não estava satisfeita com a vida simples do sacerdócio em cidade pequena. Mas acontece que ela exagerava. Uma vez ela ficou chorando as pitangas com Inocência, dizendo que até fome eles estavam passando. Um exagero, não? Inocência, de inocente só tinha o nome. Ela manjava das malandragens, sabia como sacar uma pessoa logo de cara. Mas mesmo assim ela fez questão de colocar o plano em ação. Chamou Rodrigo e disse:

- Amor, a parada é a seguinte. Vamos montar uma cesta básica com todos os itens a que se tem direito. Arroz, feijão, banha, sal, açúcar, café, farinha, leite, café, pão, ovo, manteiga, sabão em pedra, sabonete. É pra Lucielle, que diz que eles estão passando fome. Vamos fazer o papel de Abigail, que apazigua Davi levando jumentos carregados de mantimentos.

- Faremos isso sim. É ela que está dizendo que está passando necessidades. - disse Rodrigo - Embora isso seja puramente um chique dela, nós vamos dar a cesta básica.

Inocência e Rodrigo foram levar a cesta básica na casa de Lucielle e Mackenzie.

- Paz do senhor, amados. Viemos dividir o pão. - disse Inocência.

- Lucielle estava nos dizendo sobre as dificuldades que vocês estão passando e Deus falou com a Inocência para que a gente doasse uma cesta básica para vocês. - disse Rodrigo.

Terra do Nada

- Estamos realmente muito gratos. Que Deus multiplique muito mais em vossas vidas. - disse Mackenzie.

Não se ouviu um agradecimento de Lucielle.

No carro, de volta para a casa, Inocência e Rodrigo comentavam.

- Você viu? Nenhum agradecimento da Lucielle. Ela ficou com aquela cara de bosta lá e não disse nada. - disse Inocência.

- Sabe o que eu acho? Ela está é criando caso. Essa mulher é perturbada, só pode. Diz que está passando fome, uma mentira por sinal, mas quando alguém dá uma cesta para ela, ela nem se dá ao trabalho de agradecer. - disse Rodrigo.

- Ela é esquisitóide.

- Ô, e como.

A série de capítulos sobre Lucielle é extensa. Mas não o suficiente para ter um livro falando somente disso. O que vai se suceder é que a família Fortunato vai entrar em ação para defender os maiores injustiçados, que são Maíra e Eliot.

Numa noite, Inocência, Rodrigo, Evangeline e Evangelista estavam jogando truco. De repente eles escutam a porta batendo. Inocência foi atender. Era o pastor Mackenzie.

- Paz do Senhor. – disse Inocência.

- Paz do Senhor, irmã Inocência. – disse Mackenzie  
- Eu preciso da senhora e do irmão Rodrigo. A Maíra está passando mal lá em casa, vomitando desde ontem.

- Espere aí que vamos todos de carro. Vou chamar o Rodrigo e pegar minha maleta. – disse Inocência.

Terra do Nada

- Rodrigo, a Maíra está com vômitos. Precisamos ir lá atendê-la e aplicar um Plasil nela. - disse Rodrigo.

- Nós vamos com vocês. - disseram Evangeline e Evangelista.

Inocência pegou sua maleta de primeiros socorros e injeções.

Chegando lá, Maíra estava na sala de estar assistindo As Visões da Raven. Ela estava bastante pálida e abatida. Mackenzie e Lucielle explicaram a causa dos mal-estares dela.

- Ela comeu um salgado na panificadora antes de entrar para as aulas. Aí na hora do intervalo deu revertério nela. - disse Lucielle.

- Ela começou a passar mal, com enjôos e quase desmaiou. Tivemos de ir buscá-la na escola, pois ela estava muito mal. - disse Mackenzie.

- É por isso que ela saiu ontem. - disse Evangeline - Ouvei dizer mesmo que ela tinha passado mal. Mas eu não estava lá perto, fiquei sabendo por que alguém disse.

- Pensei que ela já tinha melhorado ainda ontem. - disse Evangelista.

- Maíra, e com que frequência você está vomitando?

- Ontem eu vomitei a tarde inteira. A noite já não, mas eu estava sentindo calor e não conseguia parar com o cobertor, mesmo estando frio. Eu ficava tipo delirando. No delírio eu me sentia como se eu estivesse atendendo clientes no salão de beleza na Índia, e eram muitas clientes, e eu estava com febre e queria logo terminar o trabalho. Mesmo estando deitada realmente, eu me sentia como se estivesse trabalhando. Já hoje de manhã, eu comi dois pães com manteiga e café com leite e acabei vomitando. À tarde, algumas vezes até agora. - disse Maíra.

- Sua menstruação veio nesse mês? - perguntou Inocência.

- Está insinuando que ela esteja grávida? - perguntou Lucielle.

- Cala a boca, Lucielle. – disse Inocência – É de praxe perguntar isso nas consultas. Porque quando algo está errado no organismo, pode afetar na menstruação.

- Veio sim, normalmente. – respondeu Maíra.

- Vamos ali no quarto que eu vou te aplicar uma injeção. – disse Inocência.

- Ouvi dizer que agora não se coloca mais álcool no algodão para limpar o local. O algodão seco já é o suficiente. – disse Lucielle.

- Não, pois é o álcool que mata cem por cento dos germes do local por noventa segundos. O álcool é necessário sim. – disse Rodrigo.

Inocência aplicou injeção em Maíra. Nada mais a ser tratado, ela e os demais voltaram para a casa. No carro, eles comentavam.

- Aquela Lucielle é uma relapsa, isso sim. Nutre até demais aquela bacuri dela, mas não prepara um café-da-

manhã de gente para a Maíra e pro Eliot. Por isso a Maíra foi comer aquele salgado malfeito da padaria e deu nisso. – disse Evangeline.

- Também acho. A Maíra é magricela, seca, desnutrida. Daí acontece dela passar mal e emagrece mais ainda. Ela já é fraquinha, assim piora. – disse Rodrigo.

- A Lucielle ficou lá dando palpite, que tal? Quer pagar de enfermeira, de sabe-tudo. Pra cima de mim, não mesmo. – disse Inocência.

Finalmente um desfecho feliz estava para acontecer com Maíra e Eliot. Para acabar de vez com aquela novela interminável.

Durante um bom tempo, Maíra foi a principal sofredora da história. Por tudo aquilo citado anteriormente, ela era aquela pessoa quietinha, tímida, retraída, fechada. Ela tentava esconder o que se passava, mas não agüentava mais. Numa tarde, ela foi até a casa de Inocência, pois precisava desabafar.

- Oi Maíra, entre. - disse Inocência.

- Oi amiga, como você está? - perguntou Evangeline.

- Eu vim porque eu precisava desabafar. Ah, minha situação está insustentável. - disse Maíra. E começou a chorar.

- O que aconteceu, querida? – perguntou Inocência.

- É a minha madrasta. Ela vive me explorando, me critica em tudo, por mais que eu seja certinha e correta, ela vai lá e diz que eu não presto para nada. Evangeline e Evangelista presenciaram aquilo que aconteceu no ensaio. A Lucielle me detonou na frente de todo mundo. Ela só dá carinho e atenção para a filha biológica dela. A Natália tem todas as regalias e toda a atenção. O mais irônico ainda para completar toda a lambança, ela quer que eu e Eliot a chamemos de mãe. Chegou lá novata no pedaço, e já quer tomar o lugar de mãe na casa. Isso é covardia. Ela não pode nos obrigar a chamá-la de mãe. Isso é com o tempo, com paciência, acontece até sem que a gente perceba. Mas no caso dela não. Ela forçou a barra. – disse Maíra.

O choro continuou.

- Pode chorar, você precisa desabafar. Se livrar desse aperto na garganta. – disse Evangeline.

- Tome um pouco de água. – disse Inocência.

Maíra tomou a água e se acalmou.

- Está melhor agora? – perguntou Evangeline.

- Agora sim. Depois do desabafo. – disse Maíra – Eu não sei mais o que eu faço, eu queria falar com a Lucielle, mas eu tenho medo de ficar como a vilã do filme perante ela e o meu pai.

- Você precisa extravasar mesmo. Abrir o jogo, conversar com o seu pai e com Lucielle. Você não pode ser retraída desse jeito, pois assim você só vai sofrer mais e não ser ajudada. Seu pai é boa pessoa, se você falar com ele, ele vai entender o seu lado e vai resolver o seu problema. – disse Inocência.

Maíra iria seguir o conselho de Inocência. Ela não agüentava mais ser uma cinderela da vida. Se ela não pusesse um ponto final em sua realidade triste, ela ficaria compelida a sofrer até os seus dezoito anos. Ali naquele dia, a sua vida seria decidida.

Chegando em casa, Lucielle estava conversando com uma mulher. Maíra conseguiu pegar logo a melhor parte da conversa e ficou escutando perto da janela. A mulher perguntou para Lucielle quantos filhos ela tinha.

- Só uma. - disse Lucielle - A Natália. Tem um aninho de idade.

Maíra ficou injuriada da vida. A paciência havia esgotado. Agora ela iria explodir. Ela entrou com tudo em casa e disse:

- Que palhaçada é essa?! Você me obriga e também obriga o Eliot a chamar você de mãe, evita dizer por aí que você é minha madrasta para não ficar embaraçoso para ninguém e agora você vem com essa cara lavada dizer para a outra aí que você só tem uma filha! Você é maléfica, Lucielle!

A mulher saiu à francesa, pois agora o negócio iria pegar fogo naquela casa.

- Posso saber que rebeldia é essa?! Maíra, você está muito desafortada! Vai tomar um castigo daqueles pro resto da vida! – disse Lucielle.

- Você não é a minha mãe para me passar castigo. Você só me obriga a te chamar de mãe, uma crueldade. Chega aqui de penetra e já quer ocupar posto de mãe e botando a banca aqui em casa. – disse Maíra.

Mackenzie, que ouvia tudo, foi até lá ver o que se passava.

- O que está havendo aqui? – perguntou ele.

- Sabe o que está havendo aqui? É essa sua filha revoltada me atacando. – disse Lucielle.

- Mentira. Isso aqui é a justiça sendo feita. Acontece que eu cansei de ser maltratada e explorada por essa daí. Eu trabalho feito condenada nessa casa, enquanto a princesona aí está puxando altos roncoss. Levo a sério os meus ensaios para cantar bonito para Jesus na igreja. Pra no final essa aí me dizer que eu não presto para nada, que eu estou relapsa e que vai me botar em um trem de volta para Cannes. Sabe que não é uma má idéia? Manda-me embora logo, junto com o Eliot. Assim nós dois somos poupados das suas maldades. Chega! A minha paciência chegou ao limite e a minha tolerância é zero! Sabe Lucielle, vai uma dica para você. Compre uma manga, e aproveite para fazer cosplay de uma coisa que é a sua cara: o cão chupando manga. – disse Maíra, e saiu lá para o quintal para gritar e extravasar.

- Mackenzie, você não vai fazer nada? – perguntou Lucielle.

- Contra a Maíra? Eu não. A culpada da história é você. Pensa que eu não sei das coisas. Eu vou lá conversar com ela. – disse Mackenzie. E foi lá até o quintal.

- Está mais calma?- perguntou Mackenzie.

- Não. – respondeu Maíra – Eu não quero que você me veja como a malvada da história. Mas acontece que eu agüentei calada durante esse tempo todo. Ela nos obriga a chamá-la de mãe, para depois ela dizer para a mulher aí que só tem uma filha. Todas as regalias são para Natália. A menina toma duas mamadeiras hipercalóricas por dia. Enquanto que para mim e para Eliot, ela não prepara um café da manhã de gente. Por isso que eu comia na padaria e passei mal naquele dia. E eu levo meus ensaios muito a sério. Eu tenho um ministério de louvor. Sou uma crente politicamente correta.

- Eu estou do seu lado. Eu não vou mais defender a Lucielle, porque eu sei que ela é a errada. Vou ter uma conversa daquelas com ela.

Mackenzie foi conversar com Lucielle. E a conversa não seria nada amigável. Ele chegou nela e disse:

- Você vacilou com os meus filhos, hein. Eu não preciso listar e repetir tudo o que você fez de errado, porque você tem consciência disso. E eu estou vendo que não é só com os meus filhos que você faz besteira. Você é esquisita e com todo mundo. Naquele dia com a Inocência, você a fez chorar dizendo que ela ficaria aqui em Terre de Rien pro resto da vida. Ela não gosta desse mato! Você sabe que ela e a família contam as horas para regressar a Cannes. Daí você vai lá e fala um negócio daqueles. Ainda por cima usa o nome de Deus! Isso é profetada! Sabe que eu combato veementemente isso na igreja. Sabe que isso é totalmente contra o evangelho verdadeiro! Você quer se igualar às ciganas, cartomantes e macumbeiras. Você é uma crente, esposa de pastor, tem que se dar ao exemplo! Eu fiquei morrendo de vergonha.

Minha cara racha! E naquele dia que você foi dizer para Inocência que nós estávamos passando fome? O que é isso?! Nós podemos até não ser ricos, levar uma vida modesta no sacerdócio, mas fome a gente não passa jamais. Deus não nos desampara nunca! Comemos muito bem, e Deus providencia tudo aqui em casa. A Inocência e o Rodrigo ajudaram a gente com uma cesta básica, isso depois que você foi lamuriar lá para eles. Mas você não se deu o trabalho de agradecer, muito pelo contrário, você ficou com uma tromba de elefante. E naquele dia no almoço que você disse para a Inocência e o Rodrigo que o padrasto sou eu, e não você. Embananou a cabeça de todo mundo. E você quer obrigar os meus filhos a te chamarem de mãe logo de primeira! Eles têm a mãe deles, sabia? Ela existe. Só sei que você, Lucielle, pisou na bola com todo mundo.

Lucielle calou na hora. Ficou sem argumento.

Lucielle até foi chorar as pitangas com Inocência, mas foi descartada em três tempos.

- Você plantou o que colheu. Foi você quem provocou tudo isso. Toda ação tem uma reação. É a lei da física. Você não tem idéia do quanto a Máira e o Eliot sofreram. Principalmente a Máira. Você pensa que a gente aqui não percebia, mas a gente sabia de tudo. Desde a desigualdade na divisão das tarefas até o jeito que você prepara a mamadeira para Natália. Sua filha está obesa, aquilo que você dá para ela tomar é uma bomba calórica. Só o leite com o Mucilon é suficiente. E uma mamadeira só por vez. O estômago da menina chega está dilatado. É barriga de sete almoços. Enquanto isso, você não está nem aí para a nutrição dos seus enteados. E naquele dia do ensaio você passou do limite. Evangeline e Evangelista me contaram tudo. Portanto, querida, você é culpada por tudo isso que está acontecendo. - disse Inocência.

- E você está estragando o ministério do seu marido com o seu mau comportamento. O jeito que você trata os enteados e difama-os por aí, dizendo que são rebeldes e revoltados sabendo que é mentira. Também o fato de você sair por aí fazendo profetadas sem fundamento, pregar na igreja só sobre sapatos, espalhar por aí que está passando fome. Isso é sensação que você está fazendo. – disse Rodrigo.

- É igual aquela música lá do Latino, que diz que quem planta sacanagem colhe solidão. – disse Inocência.

- Pensei que vocês eram amigos. – disse Lucielle.

- E somos. É por isso que estamos dizendo tudo isso. Somos realistas e sinceros. Mas se a verdade é pesada demais para você, eu só lamento. – disse Rodrigo.

- Coloca a mão na consciência. – disse Inocência.

Inocência, Rodrigo, Evangeline e Evangelista comentavam sobre os ocorridos.

- Justiça foi feita, graças a Deus. - disse Evangeline  
- Aquilo já estava parecendo novela mexicana.

- Pois é. Finalmente a vilã foi desmascarada. - disse Inocência.

- Maíra e Eliot vão se livrar de uma mala sem alça. - disse Evangelista.

- É bom mesmo. Eu já não agüentava mais ver aqueles meninos sofrendo. - disse Inocência.

- E tudo isso terminou bem graças a você, mamãe, que deu ótimos conselhos para Maíra. - disse Evangelista.

- Vocês todos também tiveram ótima participação, pois vocês presenciaram coisas e me contaram. Sintam-se heróis também. – disse Inocência.

Mackenzie se separou de Lucielle. Ela pegou o primeiro trem de volta para Cannes e levou Natália junto. Agora ela nunca mais faria maldades com Maíra e Eliot. E tudo terminou bem. Nunca mais se ouviu falar em exploração naquela casa. Maíra e Eliot voltaram a ter razão para sorrir. E Maíra deixou de ser fechada e retraída. Tudo isso graças a ajuda da família Fortunato, que interveio em defesa dos fracos e oprimidos.

Meses depois, o verão havia chegado para alegrar a todos. Agora eles podiam desfrutar melhor a praia que havia no quintal deles, poderiam aposentar por uns tempos as roupas de inverno, Evangeline e Evangelista estavam de férias da escola. O lema do verão era: dias coloridos, noites delirantes.

Numa noite, estavam todos deitados para dormir. Era cerca de dez e meia da noite. Alguém bateu na porta.

- Ai meu Senhor da Glória, quem será uma hora dessas? – questionou Inocência.

- Vou lá ver. Espero que pelo menos seja importante. Ou não. – disse Rodrigo. E foi lá atender a porta. Era um homem, que disse:

- Doutor Rodrigo, a minha mulher está entrando em trabalho. Ela vai ter o nenê agorinha mesmo.

- E cadê o médico? – perguntou Rodrigo.

- Viajou. – disse o homem.

- Ah, Doutor Eugênio que some na hora que a gente mais precisa dele! Faz o seguinte, leva a mulher lá no postinho, que eu e a Inocência estamos correndo para lá. – disse Rodrigo.

Ele foi lá chamar Inocência.

- *Nocência*, tem uma mulher parindo. Precisamos ir lá no postinho. Eita cidadezinha que só tem um médico, e o dito cujo ainda viaja e deixa todo mundo na mão. – disse Rodrigo.

- Vai ser uma longa noite. – disse Inocência – Precisamos chamar nossos filhos para irem conosco. Não gosto de deixá-los sozinhos em casa de madrugada.

Inocência foi chamar os meninos, que prontamente se levantaram para ir. Todos trocaram de roupa, entraram no carro e voaram pro postinho.

Chegando lá, eles encaminharam a mulher em trabalho para a sala de parto. Evangeline e Evangelista ficaram na sala de espera juntamente com o marido da mulher que estava parindo.

Foi complicado fazer o parto daquela mulher no começo. Ela se recusava a abrir as pernas, pois morria de vergonha que o Doutor Rodrigo visse o “documento” dela.

- Cleonice, não dificulta as coisas. Parto é parto. O bebê precisa sair. Doutor Rodrigo é profissional. - disse Inocência.

- Vai ter que ser você a fazer o parto, *Nocência*. - disse Rodrigo.

- Olha, Rodrigo, a minha vontade é de não fazer só de pirraça. Eu devia era deixar você, porque assim ela larga de ser besta e aprende a ser moderna. Século vinte e um e ainda tem mulher com vergonha de ser atendida pelo sexo oposto. Mas já vi que eu mesma vou ter que

fazer o parto, porque senão o negócio complica. Mas tu vai ficar bem aqui para o que eu precisar. Agora, Cleonice, abra as pernas. – disse Inocência.

Depois de muita peleja, Cleonice finalmente colaborou. Moça do mato.

Enquanto isso, o marido de Cleonice estava lá na sala de espera numa impaciente nervura.

- Por que você não vai lá ficar com a sua mulher? – perguntou Evangelista.

- Eu não. Eu desmaio se eu ver. – disse o homem.

- Ah, Senhor da Glória. – disse Evangeline.

Evangeline e Evangelista ficaram tirando queda-de-braço para se entreter.

- Vocês já pensaram em entrar para um campeonato? – perguntou o marido da Cleonice.

- Nunquinha na galáxia. - disse Evangeline -  
Queda-de-braço é a minha brincadeira favorita, mas só  
para descontrair mesmo. Esse negócio de campeonato não  
é comigo, não tem a mesma graça de uma brincadeira.

- Também acho. - disse Evangelista - Imagine que  
louco alguém perguntar “o que você faz da vida?”. Daí eu  
pego e respondo: “eu luto queda-de-braço”. Meio  
estranho, não. Sem contar que deve ganhar pouco.

- Uma ninharia. - disse Evangeline.

Depois de muita dor e contrações, nasceu um lindo e saudável bebê. Rodrigo foi lá avisar o pai.

- O seu filho nasceu. Vai lá ver. – disse Rodrigo.

- Graças a Deus nasceu. – disse o homem.

- Podemos ir ver também? – perguntou Evangeline.

- Podem. – respondeu Rodrigo.

E todos foram ver o bacuri que acabara de nascer. Ele foi pesado, mamou, tomou o banhinho e colocaram a roupinha nele.

- Já pensou em um nome para o seu bacuri? – perguntou Evangelista.

- Ele vai se chamar Jackie Chan. – disse o pai, convicto.

Evangeline e Evangelista se seguraram para não rir.

Terra do Nada

- E vem cá, é uma homenagem? - perguntou Evangeline.

- É sim. Eu sou fã número 1 do Jackie Chan. Ele tem uns filmes bacanas. - disse o homem.

Evangeline e Evangelista saíram só para rir lá fora, sem que Cleonice e o marido vissem.

- Jackie Chan, que raio de nome é esse? - disse Evangeline.

- Pérolas do meio do mato. - disse Evangelista.

- Ah, esse povo inventa cada nome para esses meninos.

- Ah, minha cara racha.

Evangeline e Evangelista ficaram rindo um monte. Algum tempo depois, Cleonice, o marido e o bebê Jackie Chan voltaram para a casa. Era madrugada.

No carro, os gêmeos riram ainda mais e contagiaram os seus pais com os risos.

- Sem comentários. - disse Inocência.

- Jackie Chan da Silva. - disse Rodrigo.

- Só aqui mesmo em Terre de Rien para a gente ver um negócio desses. - disse Evangelista.

- Quando a gente for embora, vou sentir saudades.  
- disse Evangeline.

Em casa, os quatro ficaram assistindo ao filme Caramelo.

Um ano havia passado, e foi rápido. A experiência profissional de Inocência e Rodrigo havia chegado ao fim. Era momento de regressar a Cannes. Terre de Rien deixaria saudades, mas eles estavam felizes por voltar para a terra deles. Cannes, Riviera Francesa, a paixão da vida deles. A pátria, a terra, o lugar de origem.

Os cacarecos estavam sendo adequadamente empacotados para a mudança. A família andava feito aloprada pelos cantos da casa arrumando as coisas e preparando o psicológico de Pauzinho de Fumo para a mudança. Pauzinho de Fumo, que era uma coisinha de nada e agora estava aquele gatão grandão negão.

A família Fortunato se despedia dos amigos. Foi um chororô lascado, pois eles eram muito queridos naquela cidade.

A despedida para Safira e Ricardo não foi tão difícil assim, pois daqui a umas semanas, eles também se mudariam para Cannes. Então não houve aquela despedida com choro e melodrama.

Na igreja houve um culto de despedida para eles. Evangeline cantou juntamente com Maíra o hino *Restaurador de Corações*. Depois, ela cantou um solo do hino que dizia assim: *“Seu inimigo fará essa empreitada, ele fará sua vitória divulgada. Vai ter virada, vai ter virada. Tu és alguém cujo rei de ti se agrada. Se ferramenta contra ti foi preparada, fica tranqüilo, Deus te livra da cilada. Vai ter virada, vai ter virada. Tu és alguém cujo rei de ti se agrada.”*

No final do culto, todos os irmãos da igreja abraçaram a família Fortunato. Muitos com lágrimas. Maíra foi até Inocência e disse:

- Muito obrigada por tudo. Obrigada por me ajudar na hora que eu mais precisei. Você salvou a minha vida e a do meu irmão.

Terra do Nada

- Imagine, amigos servem para essas coisas. – disse Inocência.

Evangeline e Evangelista foram abraçar os amigos Maíra e Eliot.

- Nós vamos sentir saudades. – disse Evangeline.

- Nos divertimos muito. – disse Evangelista.

- E como. – disse Eliot – Mas vamos nos ver muito. Esqueceu que também somos de Cannes?

- Vocês não vão se livrar da gente tão cedo. – disse Maíra.

No dia seguinte de manhã bem cedo, era momento da partida. As coisas foram colocadas no caminhão de mudança. As malas, o farnel e a gaiolinha com Puzinho de Fumo foi colocada dentro do carro.

- Adeus, Terre de Rien. – disse Rodrigo.

- Um dia voltaremos para passear e rever os amigos queridos. - disse Inocência.

Safira e Ricardo foram se despedir mais uma vez.

- Não veja isso como uma despedida, pois nós também estamos indo para Cannes e não vai demorar nadinha. - disse Ricardo.

- Vamos ficar juntos de novo, muito em breve. - disse Safira.

- Passamos momentos ótimos aqui nesta cidade. - disse Evangeline.

- Com certeza. - disse Evangelista.

E eis a surpresa. A cidade inteira foi acompanhar a partida da família Fortunato. Família essa que durante o pouco tempo que permaneceu ali, mudou a vida de muita gente, salvou dias, ajudou nas causas difíceis, enfim. Heróis.

Terre de Rien acenava lenços brancos, chorando a partida daquela família. A família Fortunato acenava de volta. O carro pegou a estrada e foi indo rumo a Cannes, de regresso a linda cidade.

## Epílogo

Inocência, Rodrigo, Evangeline e Evangeline viveram felizes em Cannes. Terre de Rien foi uma experiência ótima para eles, repleta de aprendizados, aventuras e desafios.

Não demorou muito, Safira e Ricardo também se mudaram para Cannes e ficaram vizinhos de Inocência. Outros que também foram para lá, era o Pastor Mackenzie e seus filhos Maíra e Eliot. Ele havia sido transferido de igreja e agora estava de volta a terra original deles. Reencontraram os amigos, companheiros dos tempos de Terre de Rien.

O final de Lucielle não foi tão interessante assim, nada mudou para ela. Logicamente, Mackenzie visitava Natália nos dias marcados pelo juiz.

Alguns meses depois, Evangeline e Evangelista estavam já na época de cursar a faculdade. Evangelista fez

bacharelado em Educação Física, porque na verdade ele queria ser jogador de futebol. Ele, juntamente com Eliot, assinou contrato com o AS Cannes, e muito em breve surgiriam novas propostas, pois ele era o jogador promessa. Evangelista e Eliot eram parceiros no futebol assim como Cristiano Ronaldo e Pepe.

Evangeline e Maíra cursaram Moda. Tornaram-se estilistas renomadas e criaram grifes famosas. Evangeline também era modelo internacional, pois era linda, chique e elegante. Maíra também teve suas oportunidades no mundo das passarelas e dos flashes.

E todos viveram felizes para sempre.

**Fim**

